

6 con-Brasil O terreno está preparado

JORNAL DA TARDE

12 MAI 1992

Um ano de transição, de preparação do terreno para a estabilidade. É assim que o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, define seu primeiro ano no cargo, completado domingo.

Quando tomou posse, eram nítidos os sinais de que se esgotara o segundo choque aplicado na economia, três meses antes, por sua antecessora. O índice oficial de inflação, que baixara de 21% em janeiro para 5% em março, voltava a subir. Os agentes econômicos interpretavam as seguidas declarações do novo ministro de que não haveria choques como mera tática destinada a ganhar tempo — justamente para preparar o novo choque. Em outubro, quando a inflação passou de 20%, até mesmo entre os que apoiavam o ministro houve quem não visse outra alternativa a não ser um novo choque para evitar a hiperinflação. Com tranquilidade, mas com veemência, o ministro tratou de afastar a hipótese de recorrer a medidas artificiais. Não houve choque, nem veio a hiperinflação. Veio a liberação progressiva da economia.

A inflação continua muito alta, mas a tendência é de queda, ainda que a redução seja lenta demais se comparada com o custo que a sociedade está tendo de pagar por isso, na forma de uma recessão aguda. Mais importante do que criticar a lentidão da queda, no entanto, é verificar que a redução está sendo conseguida sem artifícios, sem "milagres".

O ministro relaciona como a primeira conquista de sua gestão a estabilidade que impôs às regras do jogo econômico. "A estabilidade é um pressuposto da previsibilidade, que é indispensável para o funcionamento de uma economia de mercado", disse, em entrevista ao jornal **O Estado de S. Paulo**. Outro pressuposto, acrescentou, é a liberdade de preços, como a que ele colocou em prática. "Hoje não há mais preço privado sob controle e temos uma economia desembaraçada dessa enorme camisa-

de-força que é o controle de preços."

Os resultados numéricos de sua gestão não são espetaculares. A inflação, como já observamos, continua alta, mas ficou abaixo de 20% em abril. Dos principais índices, apenas o da Fipe ficou acima disso, mas também esse deve cair nos próximos meses. As metas contidas no acordo com o FMI embutem a previsão de uma inflação de 2% em dezembro, índice impossível de ser alcançado nas atuais circunstâncias. Mas se ficar em torno dos 10% já será uma vitória, porque, mantidas as regras atuais, será resultado do livre funcionamento do mercado.

Quanto ao desempenho da economia, o próprio ministro admite a gravidade da recessão. Mas, no relatório que entregou na semana passada ao presidente da República, prevê uma moderada recuperação da atividade econômica e das receitas da União, que apresentaram forte queda no primeiro trimestre e exigiram cortes mais profundos nos gastos públicos, já muito comprimidos. A recuperação deverá ser estimulada por um alívio nas taxas de juros, que estão num nível muito alto desde a posse de Marcílio.

Ao agir sempre exatamente como anuncia, o ministro conquistou para si e para sua equipe um alto grau de credibilidade junto aos agentes econômicos e aos credores externos. Essa credibilidade mostra que o ministro conseguiu, de fato, preparar o terreno para a estabilidade. Mas o trabalho apenas começou. Ainda falta o essencial para a inflação cair mais rapidamente e de maneira consistente, e para que a economia retorne o antigo ritmo de crescimento. Falta a reforma estrutural do setor público e faltam as leis que visam a modernização da economia, que precisam ser aprovadas pelo Congresso. A credibilidade que conquistou no primeiro ano de gestão o ministro deve utilizar agora para convencer os congressistas, da urgência dessas reformas.